

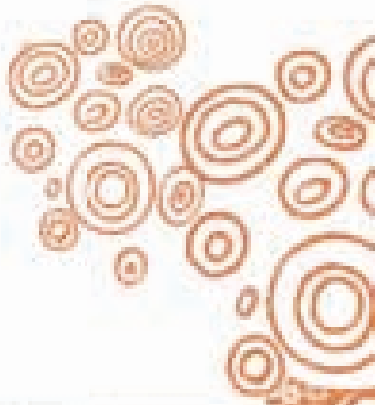
# Na Ponta do Lápis

ano VII – número 17  
Agosto de 2011

Professor em busca  
de leitores.

Que caminho tomar  
para formá-los?





COORDENAÇÃO TÉCNICA  
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,  
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

**Coordenação**  
Sonia Madi

**Texto e edição**  
Luiz Henrique Gurgel  
Maria Aparecida Laginestra  
Regina Andrade Clara

**Revisão**  
Rosania Mazzuchelli  
e Mineo Takatama

**Edição de arte**  
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

**Ilustrações**  
Criss de Paulo

**Editoração**  
AGWM Editora e Produções Editoriais

**Fotos**  
Marcia Minillo

**Tiragem**  
145 mil exemplares  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Contato com a redação**  
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP  
CEP 01244-010  
Telefone: 0800-7719310  
e-mail: [escrevendofuturo@cenpec.org.br](mailto:escrevendofuturo@cenpec.org.br)  
[www.escrevendofuturo.org.br](http://www.escrevendofuturo.org.br)

INICIATIVA



Ministério da  
Educação



“Continuo buscando, reprocurando.  
Ensino porque busco, porque indaguei,  
porque indago e me indago. Pesquiso  
para conhecer o que ainda não conheço  
e comunicar e anunciar a novidade.”

Paulo Freire

## **editorial**

O especialista em conhecer

4

## **entrevista**

ANTONIO AUGUSTO GOMES BATISTA

O bom professor sabe: todo aluno é capaz de aprender

6

## **reportagem**

Navegação de longo curso

12

## **tirando de letra**

Poemas prontos para voar

16

## **página literária**

ZÉLIA GATTAI

Vinicius de Moraes

22

## **especial**

O que a Olimpíada faz com os textos que recebe?

24

## **o que vem por aí**

Um semestre cheio de formação e informação

27

## **de olho na prática**

Idas e vindas da escrita

28

## **óculos de leitura**

A literatura e os leitores jovens

34

## **desafio**

Ambiente virtual: você faz parte dessa rede?


42

# O especialista em conhecer

Mais que um hábito de nossa equipe, dizer que o professor é um eterno aprendiz revela uma postura e uma certeza assumida por todos os envolvidos na Olimpíada: não existe educador pronto e acabado – ele está sempre em construção. Ao sair da universidade, seu diploma e seus conhecimentos adquiridos por anos de estudos e esforços são, na verdade, a primeira das etapas – ainda que das mais importantes – de sua formação, que se prolongará pelo resto da vida profissional. Se em todas as profissões, hoje em dia, o aprendizado é contínuo, para quem seguiu a carreira de educador essa é uma condição inerente. Impossível pensar num professor que não continue a estudar e a pesquisar. O educador é um especialista em conhecer e ele não pode, jamais, perder essa “sede”.

É uma unanimidade na sociedade brasileira de hoje a ideia de que é preciso valorizar esse profissional, especialmente aqueles que atuam na educação pública. E uma maneira de transformar boas intenções em ações concretas é oferecer cada vez mais cursos de formação, de capacitação e de especialização. Não que isso contemple tudo o que é justo oferecer aos educadores em nossa atual realidade escolar, mas significa a manutenção de um princípio básico para o especialista em conhecer, que é, justamente, continuar a estudar e a se aprimorar. É disso que vive e se alimenta esse eterno aprendiz. É sua condição de ser. E é essa identidade que deve voltar a espelhar a relação do professor com os estudantes. O professor pode estar alguns degraus acima, mas é tão aprendiz quanto seus alunos. Vive dificuldades semelhantes às deles em sua relação com o saber. A diferença é que ele é o “aprendiz modelo”, exemplo para seus estudantes. Por isso, talvez o maior sonho de todo educador seja conseguir despertar em seu aprendiz o desejo pelo conhecer.

E é exatamente por acreditarmos nisso que vamos realizar uma série de ações de formação no semestre que se inicia. No período de 29 a 31 de agosto, em Brasília, se realizará o seminário da Olimpíada de Língua Portuguesa “A escrita em foco: reflexão em várias vozes”. Reuniremos saberes vindos de diferentes



lugares do país, para discutir a prática dos professores que fazem ou já fizeram parte do programa, juntamente, com especialistas em língua portuguesa, professores de universidades e técnicos das secretarias municipais e estaduais de Educação.

Em agosto, começa na Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* o curso “Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas”, para professores de língua portuguesa de escolas municipais e estaduais. Ainda no segundo semestre ocorrerão ações de formação presencial para técnicos das secretarias de Educação em todos os Estados e no Distrito Federal. Também têm participação garantida os professores finalistas da Olimpíada de 2010 e os coordenadores pedagógicos ou diretores das respectivas escolas.

São ações abrangentes, que indicam perspectivas e multiplicação de conhecimento e boas experiências. Nunca é demais lembrar que não foi à toa que a Olimpíada recebeu o nome de *Escrevendo o Futuro*.

### Nesta edição

Entrevistamos o professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, Antonio Augusto Gomes Batista. Entre outras coisas, ele fala dos desafios vividos pela escola pública e da importância de o professor acreditar que todos os alunos podem aprender, independentemente da origem social.

Também publicamos “A literatura e os leitores jovens”, um artigo da professora Maria Zélia Versiani Machado, da Faculdade de Educação da UFMG. Nele, a autora ilumina os diferentes caminhos trilhados pelos leitores, que hoje se encontram no Ensino Fundamental ou no Médio como ponto de partida para aprofundar a discussão sobre leitura literária.

Maria Tereza Cardia, da equipe da Olimpíada, escreve sobre a nova publicação *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?*, com análises dos textos inscritos na edição de 2010, que distribuiremos às escolas de todo o Brasil.

E, para encerrar, uma crônica deliciosa de Zélia Gattai, mulher de Jorge Amado, sobre algumas das peripécias vividas pelo poeta Vinicius de Moraes no tempo em que morou na cidade de Salvador.

Boa leitura a todos!

antonio augusto  
gomes batista

## O bom professor sabe:

*Toda aluna*

## é capaz de aprender

Para o pesquisador Antonio Augusto Gomes Batista, todo bom professor deve ter consciência disso. A responsabilidade, de fato, é grande. Nossa capacidade de raciocinar, de se expressar e até de sonhar – em algum momento da vida de quem frequentou a escola – passa pelo trabalho de um professor de língua portuguesa. Mas quais são os dilemas e os desafios de quem é um dos principais responsáveis por nos ensinar a língua materna? Que conhecimentos, preocupações e sensibilidades eles e elas devem ter? Antonio, ou Dute, como é conhecido por amigos e alunos, estuda a formação e o perfil sociocultural desses professores e trata um pouco dessas questões nesta entrevista. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, assumiu em 2011 a Coordenadoria de Desenvolvimento de Pesquisas, do Cenpec.

### ■ No contexto da escola pública atual, quais devem ser as características do professor de língua portuguesa?

A primeira característica importante – se pensarmos nos desafios vividos pela escola pública – é o professor acreditar que todos os alunos podem aprender, independentemente da origem social. Os alunos que vêm das camadas populares podem aprender, apesar de falarem num dialeto muito diferente daquele que os professores vão ensinar, de viverem num meio que, em muitos casos, está bem afastado da cultura letrada. Pesquisas mostram que todos os alunos das camadas populares são capazes de



aprender. E o professor de português é especialmente importante porque ele vai dar os elementos das futuras aprendizagens. É por meio da língua que se dá a capacidade de pensar, de raciocinar, de se expressar. Um dos pontos em que se organiza o fracasso escolar está em torno do fenômeno linguístico. Nem sempre os cursos de letras – no caso da formação dos professores de português, do Fundamental e do Ensino Médio – costumam tratar desse tema; apenas as disciplinas de sociologia, às vezes, abordam a relação entre fracasso escolar e desigualdades sociais. Muitas vezes as disciplinas que

são voltadas mais diretamente para as de didáticas do ensino de português, metodologia e outras não discutem temas como esse.

É essencial saber quais são as formas de organização didática mais adequadas aos alunos de meios populares. Vou dar um exemplo simples: o dever de casa. Professores e a opinião pública julgam que é algo natural, sempre fez parte da escola, portanto inquestionável. No entanto, o dever de casa supõe um conjunto de fatores: que o aluno, ao voltar para casa, tenha tempo e certa organização de espaço; que haja controle do tempo exercido pelos pais; que tenha autonomia na organização do seu próprio tempo. Isso nem sempre é possível em famílias que vivem em condições de muita

**“o professor precisa dominar aquilo que ensina, criar um clima harmonioso na sala de aula, ter bom manejo de classe, como se dizia antigamente na cultura escolar.”**

vulnerabilidade social. Os aspectos didáticos estão relacionados aos aspectos sociológicos. Essa preocupação deveria estar presente nas decisões dos professores e na sua formação também. Às vezes, o ensino se dá por familiarização: o aluno vai aprendendo pelo contato mais assistemático, ele vai lendo, sem saber qual estratégia de leitura está aprendendo, ou, quando está escrevendo, quais procedimentos de escrita está aprendendo naquele momento. Há estudos que mostram, por exemplo, que o ensino mais organizado, em que o aluno sabe o que está aprendendo e em que o professor sabe o que está ensinando, é mais adequado, possibilita o sucesso dos alunos das camadas populares.



■ **Que outros aspectos da formação do professor você destacaria?**

É fundamental que o professor domine aquilo que ensina. O professor de português ensina um objeto extremamente complexo, que é a língua. Durante muito tempo se pensou nesse objeto como sendo um conjunto de recursos linguísticos formais, as regras da língua. Importante é o professor conhecer bem as regras da variante culta, ou de prestígio da língua e ter boa sensibilidade para saber analisar as outras variantes do português. É essencial ter uma atitude aberta, não preconceituosa, com as variantes regionais e sociais. Outro ponto é que a leitura faça parte da sua vida como professor, seja leitor de jornal, revista, literatura, diferentes textos na internet, tenha práticas de leitura que sejam diversificadas, e ao mesmo tempo, escreva. O professor precisa dominar aquilo que ensina, criar um clima harmonioso na sala de aula, ter bom manejo de classe, como se dizia antigamente na cultura escolar.

Várias pesquisas mostram que a escola, muitas vezes, é impotente diante das desigualdades sociais. A escola termina por reproduzi-las dentro dela. Ela transforma as desigualdades sociais em desigualdades escolares. As pesquisas sociológicas demonstram também que a escola é capaz de exercer um efeito próprio e, muitas vezes, diminuir essas desigualdades. São pesquisas que falam de um efeito escola ou de um efeito professor. O professor consegue administrar os tempos,

**“uma coisa é ensinar a escrever no caderno; outra, ensinar a escrever no computador. mudou o jeito de escrever, de fazer o rascunho, de fazer o planejamento do texto.”**

organizar o ritmo da aula, criar um clima interativo, disciplinado, colaborativo, em que todos os alunos participam.

Na década de 1980 e, sobretudo, na de 1990 foram discutidas as tendências do pensamento pedagógico. Então, no curso de didática, em vez de refletir sobre as formas de organização do trabalho pedagógico, de como fazer, estudavam o que é a tendência da escola novista, a tendência marxista. A formação do professor tem que equilibrar teoria e prática, discutir a didática, a prática do ensino de língua portuguesa. O professor precisa fazer a transposição dos princípios teóricos em procedimentos pedagógicos. Saber como organizar a sequência didática, as formas de intervenção no texto do aluno, os modos de fazer estudo de textos com os alunos.

■ **E, aos professores que participam da Olimpíada, que orientações você daria?**

O diagnóstico é peça-chave. Conhecer o que o aluno sabe e o que ele não sabe. Vou falar



de leitura, que é a minha área de especialidade. Quando trabalhamos com a leitura, estamos trabalhando com duas coisas: a formação do gosto pela leitura e a formação mais ampla do leitor. É preciso distinguir o ponto de vista da leitura das habilidades do ponto de vista da formação do leitor. Conhecer como os alunos estão em matéria de leitura: o que eles gostam de ler, se gostam ou não gostam. Se eles têm livros, se não têm. É preciso conhecer as representações, inclinações e crenças que aquela turma, aquela família tem em relação à leitura. Meninos e meninas gostam de coisas diferentes. Os meninos acham a leitura supérflua, ler romance “feminiliza”. É em relação a essas crenças que o professor vai ter de trabalhar, conhecer as habilidades de leitura propriamente dita. E para o professor que está no Ensino Médio e no Fundamental hoje é muito importante verificar se os alunos sabem ler. Normalmente, chegam alfabetizados, embora um ou outro possa não estar alfabetizado. Os professores, algumas vezes, falam que os alunos não estão alfabetizados, pois eles não leem com fluência. Os alunos sabem ler, têm a capacidade de ler, mas não têm a capacidade de ler com fluência. E, por isso, também não vão compreender. Eles leem com muita hesitação, devagar, não são capazes de apreender os elementos mais expressivos, perceber as unidades sintáticas. O esforço para fazer essa leitura é tão grande, que o cérebro não fica liberado para compreender o texto. A outra dimensão que ele vai ter de avaliar é da compreensão. Conhecer quais os problemas de compreensão de leitura que os alunos têm. Quais estratégias de

compreensão que eles utilizam? Quais eles não utilizam? Quais os problemas de compreensão que vão encontrar? Os problemas que o professor irá encontrar, eu imagino, serão de alunos que têm mais dificuldade de apreender o sentido global, de fazer síntese de texto, porque o aluno compreende partes, mas não o todo.

#### ■ E depois do diagnóstico?

Aí é planejar. Definir o que ensinar, os objetivos, a avaliação e as metas que pretende alcançar. Vai utilizar, ou não, o livro didático? Qual a forma mais inteligente de utilizar o livro didático? Não utilizando o livro didático, que atividades o professor vai preparar para os alunos? Com que finalidade?

#### ■ As mídias digitais – cursos virtuais, blogs, Twitter, Facebook, entre outros – demandam o domínio de diferentes linguagens, ferramentas e procedimentos. Como a escola pode utilizar bem as novas tecnologias?

A escola sempre usou tecnologia: giz, lousa, caderno, mimeógrafo, retroprojektor. A escola – sobretudo a de massa – se move lentamente, tem limitações de recursos humanos e financeiros para acompanhar a velocidade das inovações tecnológicas. Uma coisa é ensinar a escrever no caderno; outra, ensinar a escrever no computador. Mudou o jeito de escrever, de fazer o rascunho, de fazer o planejamento do texto. Na leitura na internet os processos cognitivos envolvidos são diferentes. No livro o processo é mais linear, do início da página para o final da página. Na internet o processo é menos linear, por

causa, entre outras coisas, da presença do hipertexto. A habilidade fundamental de um leitor hoje na internet é saber buscar, selecionar e avaliar a credibilidade de uma informação, se aquela fonte é confiável. O texto é multimodal, quer dizer, se apresenta em múltiplas linguagens. Você clica e lê o texto escrito; clica e ouve; clica e pode ver a fotografia, ou assistir a um vídeo.

O país é desigual. Muitas cidades têm dificuldade de acesso, não há banda larga para todos. É um bem que está desigualmente distribuído. O acesso à língua escrita é outro bem que ainda não foi igualmente distribuído. Os índices de analfabetismo escolar são grandes. O Ceará, por exemplo, está terminando o Programa de Alfabetização na Idade Certa, para reduzir os índices de analfabetismo escolar. Para muitas escolas é possível investir em novas formas de comunicação; em outras, é preciso concentrar os investimentos na alfabetização. Os alunos, no século XXI, em algumas escolas, ainda copiam textos da lousa, do livro didático, enquanto em outras os meninos fotografam, com o celular, as tarefas solicitadas. Mesmo nas comunidades rurais os alunos veem televisão, têm acesso a DVD. O celular não pega, mas eles conhecem celular, porque têm celular com antena.

### ■ Como fica o ensino da literatura diante das novas tecnologias?

Eu acho que está havendo uma diminuição da importância da cultura literária na escola, mas não é por causa da presença das novas tecnologias. É forte a presença da cultura científica, informativa, no mundo. Os dados

do Pisa [Programa Internacional de Avaliação de Alunos] mostram que em alguns países os jovens tendem a ler mais coisas que têm a ver com cultura científica. Internacionalmente, há uma tendência de diminuição da importância da cultura literária na formação desses jovens. Nos últimos vinte anos houve uma redução da presença de textos literários nos livros didáticos. No Ensino Médio essa redução está aparecendo, por exemplo, no Enem. Algumas universidades que adotaram o Enem pararam de exigir a leitura de livros, por exemplo, de literatura. Hoje, o discurso jornalístico é presença marcante, referência nos livros didáticos. É uma linguagem concisa, de parágrafos menores, as frases estão cada vez mais simples, cada vez menos subordinadas. Isso empobrece o ensino da língua. A literatura permite a você explorar a si mesmo, o mundo, construir sua subjetividade. Uma pesquisa recente, em regiões metropolitanas, mostrou que para boa parte dos jovens entrevistados, que estavam na escola, o professor não havia indicado a leitura literária. Isso é um fenômeno recorrente, que diminui a chance de aproximar os alunos da literatura.

### ■ Quais são suas perspectivas na recém-criada Coordenação de Desenvolvimento de Pesquisas, do Cenpec?

A pesquisa desenvolvida no terceiro setor precisa ser sensível às necessidades de conhecimento de quem age sobre a realidade social, seja ela realidade escolar, assistencial, cultural. São cinco as diretrizes para a área. O primeiro ponto é que, como qualquer



**«OS alunos, no século XXI, em algumas escolas, ainda copiam textos da lousa, do livro didático, enquanto em outras os meninos fotografam, com o celular, as tarefas solicitadas.»**

pesquisa, ela tem de ser uma pesquisa de excelência, tem que articular a ação na realidade social. A segunda diretriz importante é que esses projetos precisam responder às necessidades de conhecimento de quem está na ação. A terceira é estar sensível às necessidades de conhecimento, toda pesquisa tem sempre potencial de aplicação.

A quarta, também relacionada às duas anteriores, é que ela precisa ser uma pesquisa que se comunica com rapidez e com eficiência, e se comunica não só para os pesquisadores, mas para além desse público, para os que atuam, agem sobre a realidade social, e são beneficiados por esses projetos, por exemplo, no caso de programas que são voltados para a formação de professores, como a Olimpíada. A comunicação é para as pessoas que atuam na Olimpíada e também para os próprios professores. Por último, a missão do Cenpec: influenciar no estabelecimento das políticas públicas voltadas para a nossa área de atuação. Em síntese, se pensarmos em termos de palavras-chave, as cinco diretrizes são: sensibilidade ao contexto, qualidade acadêmica, realidade científica, comunicação e capacidade de influenciar políticas públicas.

**Antonio Augusto Gomes Batista** é graduado em letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), realizou seus cursos de mestrado (1990) e doutorado (1996) em educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor associado dessa universidade e professor convidado do “Curso de especialización y maestria” da Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Desenvolveu estudos de pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, e no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Atuou como *visiting scholar* na University of Tennessee, em Knoxville, e como professor visitante na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Seus principais interesses de pesquisa residem – no quadro das relações entre sociologia e história da educação – na alfabetização e na cultura escrita, assim como na produção dos saberes escolares na disciplina português. Foi diretor do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), em diferentes mandatos, entre 1990 e 2006, quando coordenou projetos articulados a políticas públicas educacionais. Coordenou, para a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, a elaboração de diretrizes didáticas para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização, no quadro da implantação do Ensino Fundamental de Nove Anos.

# Navegação de longo curso

O novo curso a distância, disponível na internet e oferecido a educadores da área de língua faz parte das atividades de formação da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. A primeira turma acabou de concluí-lo. Foram dez semanas de intensa “viagem”, como quase todos se referiram à experiência. Veja como funcionou, pois a partir de setembro ele será aberto a todos os professores de língua portuguesa do país.

---

Luiz Henrique Gurgel

“Engraçada  
essa sensação...  
Ansiedade, expectativa,  
muitas expectativas... O  
que vamos aprender, trocar,  
revisitar...? Quem são as pessoas  
que compõem o grupo? Colegas,  
professores... mestres! Bom estar com  
você nesta viagem... Será de grande  
valia! Boa viagem a todos!!!” Essa foi uma das  
primeiras mensagens de uma educadora que  
participou do curso virtual “Sequência didática:  
aprendendo por meio de resenhas”, o primeiro,  
voltado para formação, promovido pela Olimpíada  
de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* em 2011.

A sensação foi descrita por Cristiana Moreira, de  
São Paulo, e fazia sentido. Em todo o curso foi comum  
aparecer nas mensagens e relatos as palavras “viajar”,  
“navegar”, “mar”, “onda”, “deriva” e até “marujos” e  
“leme”. Cem educadores de todo o Brasil, que conhecem  
a Olimpíada e já participaram dela de alguma maneira,  
foram os convidados a embarcar nessa primeira experiência  
de curso que pretende atender, a partir de agosto, os  
milhares de professores de língua portuguesa do programa.  
A ideia é possibilitar a educadores da rede pública vivenciar,  
como alunos, uma sequência didática em torno de um  
gênero diferente dos já trabalhados pela Olimpíada. “Não  
queremos que o professor vire um especialista em só  
escrever crônicas ou poemas, mas que ele aprenda  
quais são os princípios de uma sequência didática  
para o ensino de qualquer gênero”, explica Sonia  
Madi, coordenadora pedagógica da Olimpíada.

“Em cursos anteriores, o professor discutia a  
didática do ensino da língua, mas não vivia  
o papel de aluno. Aqui ele se coloca no  
lugar do estudante e vai aprender  
a escrever da mesma forma que  
um aluno aprende a escrever  
um gênero”, afirma ela.

## ■ Primeiro, a viagem experimental

Mas, antes de colocar a “embarcação” à disposição de todos, foi preciso realizar essa viagem experimental ao mundo das resenhas críticas, iniciada em 21 de março. Ela durou cerca de dez semanas e exigiu navegação pela internet por no mínimo oito horas semanais, entre textos de uma bibliografia indicada, fóruns de discussão coletiva, leitura de resenhas de livros, músicas, filmes e outros produtos culturais e, por fim, a entrega a cada módulo do curso – que tinha a duração de nove dias – de uma atividade de conclusão. Para Sonia, esse é outro aspecto positivo



Egon Rangel



Ana Luiza (Iza)

### Acompanhamento tecnológico



Adriana Vieira



Aldanubes Junior



Evandro Teodoro

### Acompanhamento Pedagógico



Natália Pacheco



Cristina Zelmanovitz

### Autores

do curso, pois utiliza ferramentas da internet para trabalhar o letramento digital com o professor: “Ele vai percorrer *links*, acessar bibliotecas, postar coisas, participar de fóruns, fazer pesquisas e leituras em meio digital. Ao usar essas ferramentas, aprende a lidar com elas”.

“O nível de exigência realmente foi alto”, diz Ana Luiza Marcondes Garcia, a Iza, como é conhecida por seus alunos. Professora de linguística da PUC-SP, uma das mentoras do curso virtual e mediadora de turma, ela rebate a imagem de que esse tipo de curso tende a ser superficial. Com uma grande experiência em projetos de formação a distância para educadores, ela afirma que a participação nesse modelo de curso é intensa. “É muito comum em sala de aula, nos cursos regulares que dou na universidade, acontecer de não ouvir por um semestre inteiro a voz de alguns alunos fazendo perguntas, tendo alguma participação. Nos cursos virtuais isso não ocorre porque é impossível não participar.” Iza dividiu a ponte de comando com Cristiane Mori de-Angelis e Egon de Oliveira Rangel, seus colegas do departamento de linguística daquela universidade.

Como se verifica com tripulações empenhadas, uma das alunas da turma de Iza, Mary Jane Dias da Silva, formadora em Sergipe, destacou a interação que havia entre os participantes: “No meu grupo houve troca e retomada de ideias, e discordâncias também. A mediadora colaborou para essa dinâmica e não deixou a ‘peteca cair’, esteve sempre atenta ao que o grupo ia construindo, sinalizando para os que estavam à deriva. Isso é muito interessante num curso *on-line*, por conta das suas próprias características”.

### ■ Homens e mulheres ao mar

Mesmo assim parte dos “marujos” acabou ficando pelo caminho sem concluir o curso. Segundo Sonia Madi, o grande problema



Cris Mori

### Mediadores



Bia Cruz



Denise Lotito



Edilson Krupek



Mary Jane Silva



Rozeli Frasca



Denise Texeira



Maria Paula Parisi

dessa modalidade de ensino – cursos a distância – é a desistência. De acordo com pesquisas, a evasão muitas vezes chega a 40 por cento. “Foi um curso-piloto e a primeira experiência mostrou que foi denso. Ele serviu para fazermos ajustes, aproveitando as contribuições dos participantes convidados. Aprender a distância exige trabalho, requer dedicação e interesse pela tecnologia. Nessa experiência, as pessoas tiveram que enfrentar a questão do ensino com prazer *versus* ensino com padecimento, que é o ensino com dificuldade. Afinal, é difícil aprender. Mas o prazer que vem depois apaga tudo e o professor ganha mais confiança em si mesmo. É aquela sensação boa de quem superou um obstáculo e saiu fortalecido”, conclui Sonia.

Outro dos principais objetivos dessa primeira experiência foi formar mediadores para as novas turmas que iniciaram o curso em junho. Esse segundo grupo, por sua vez, vai realizar o mesmo curso para professores e técnicos de suas regiões, ampliando o leque de participantes em progressão geométrica. Para os responsáveis pelo projeto, essa é uma ferramenta fundamental de ensino a distância, capaz de atingir professores que trabalham nos pontos mais distantes do país. Um projeto para “bravos marinheiros”, como acabaram sendo saudados os formandos da primeira turma. Na última lição do curso, os professores Egon, Iza e Cristiane Mori deixaram o seguinte recado aos alunos: “A viagem foi longa e você que chegou ao final lutando contra as ondas sem perder o leme merece os nossos parabéns!”. Ao que uma das “marinheiras”, Denise Texeira, assumindo a nova identidade, respondeu: “Agradeço muito a oportunidade de ter participado dessa tripulação, especialmente à nossa querida mediadora, pela dedicação, sensibilidade e empenho em nos guiar por mares nunca d’antes navegados. Foram belos portos de passagem até o nosso porto seguro”.

## Poemas prontos para

# voar

*Catar feijão se limita com escrever:  
joga-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na da folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar. [...]*

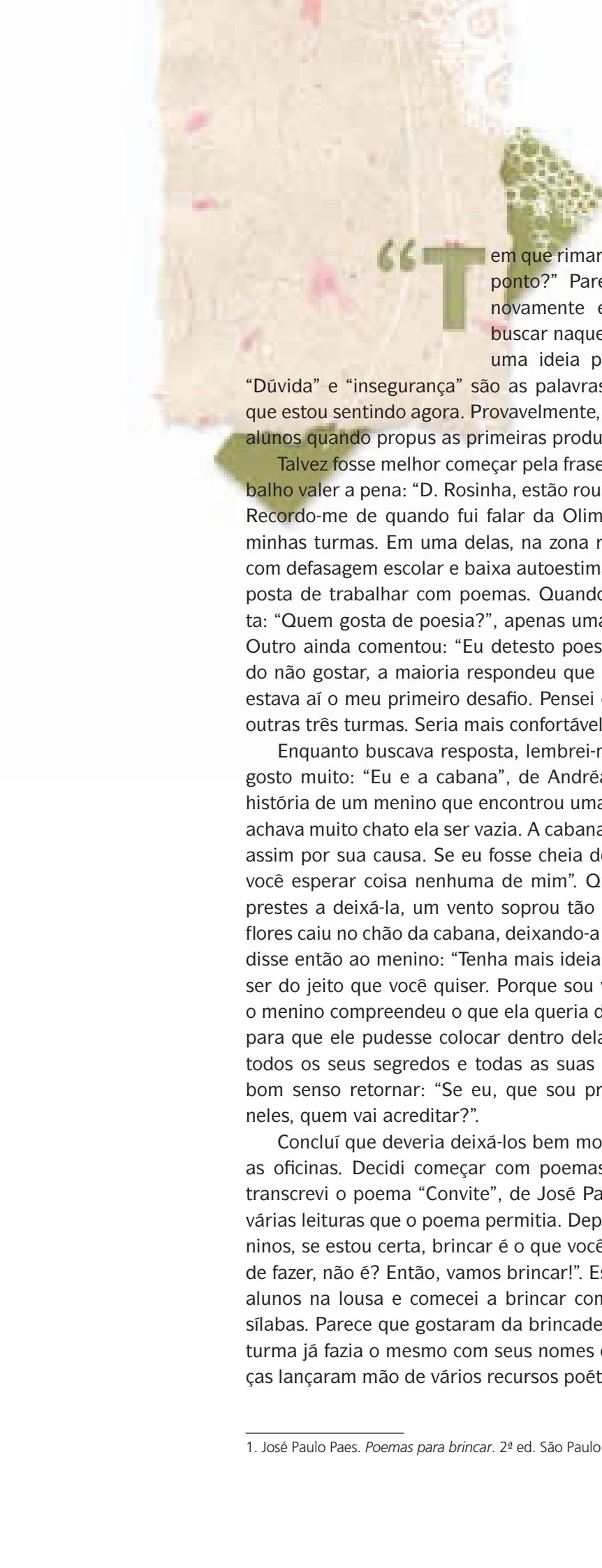
João Cabral Melo Neto. *Obra Completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

---

Rosa Maria Mendes de Lima

Rosa Maria Mendes de Lima é  
professora da Escola Estadual  
Dona Indá, de Altinópolis (MG),  
semifinalista da categoria Poema.





“T em que rimar? É obrigado fazer? Vale ponto?” Parece que estou ouvindo novamente essas perguntas. Tento buscar naquelas carinhas assustadas uma ideia para iniciar este relato.

“Dúvida” e “insegurança” são as palavras certas para nomear o que estou sentindo agora. Provavelmente, o que sentiram os meus alunos quando propus as primeiras produções de poemas.

Talvez fosse melhor começar pela frase que fez todo o meu trabalho valer a pena: “D. Rosinha, estão roubando nossos poemas!”. Recordo-me de quando fui falar da Olimpíada e do material às minhas turmas. Em uma delas, na zona rural, com vários alunos com defasagem escolar e baixa autoestima, não gostaram da proposta de trabalhar com poemas. Quando fiz a primeira pergunta: “Quem gosta de poesia?”, apenas uma aluna levantou a mão. Outro ainda comentou: “Eu detesto poesia!”. Perguntei o motivo do não gostar, a maioria respondeu que era coisa de babaca. É, estava aí o meu primeiro desafio. Pensei em trabalhar só com as outras três turmas. Seria mais confortável... Mas seria justo?

Enquanto buscava resposta, lembrei-me de um texto do qual gosto muito: “Eu e a cabana”, de Andréa Bonfim Perdigão. É a história de um menino que encontrou uma cabana e disse-lhe que achava muito chato ela ser vazia. A cabana respondeu-lhe: “Eu sou assim por sua causa. Se eu fosse cheia de coisas, não adiantaria você esperar coisa nenhuma de mim”. Quando o menino estava prestes a deixá-la, um vento soprou tão forte que um monte de flores caiu no chão da cabana, deixando-a toda colorida. A cabana disse então ao menino: “Tenha mais ideias a meu respeito. Posso ser do jeito que você quiser. Porque sou vazia”. Nesse momento, o menino compreendeu o que ela queria dizer. A cabana era vazia para que ele pudesse colocar dentro dela todos os seus sonhos, todos os seus segredos e todas as suas ideias. Assim, vi o meu bom senso retornar: “Se eu, que sou professora, não acreditar neles, quem vai acreditar?”

Concluí que deveria deixá-los bem motivados, antes de iniciar as oficinas. Decidi começar com poemas curtos. Antes, porém, transcrevi o poema “Convite”, de José Paulo Paes<sup>1</sup>, na lousa. Fiz várias leituras que o poema permitia. Depois, continuei: “E aí, meninos, se estou certa, brincar é o que vocês mais sabem e gostam de fazer, não é? Então, vamos brincar!”. Escrevi o nome de alguns alunos na lousa e comecei a brincar com as palavras e com as sílabas. Parece que gostaram da brincadeira, e logo quase toda a turma já fazia o mesmo com seus nomes e sobrenomes. As crianças lançaram mão de vários recursos poéticos, mesmo sem saber:

1. José Paulo Paes. *Poemas para brincar*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.



Maria

Ma-ri-a

É mar

Ria, ria a Maria

Que ia, ia, ia...

Pra onde, Maria?

Mariana

No começo mar

Segue Ariana

Pra facilitar o ar

É Ana

Gabriela

Ela é Gabi

Gabi é ela

Às vezes a dúvida

Sou eu...

Ou sou ela?

Meu objetivo era aproximá-los dos poemas. Levei-os à biblioteca para escolher livros para ler em sala de aula e em casa. Li vários poemas para eles. Alguns ainda resistiram, não quiseram ouvi-los.

O que fazer? Poemas, os alunos não queriam. Mas eu sabia do que eles gostam: histórias em quadrinhos, estavam até lendo a revistinha do Ziraldo *A Vivamática*. Aproveitei a ocasião e dividi a turma em pequenos grupos e pedi-lhes que contassem a história do Menino Maluquinho em forma de poema.

Empolgada com o resultado, lembrei-me de outro gênero textual que estudamos no início do ano e em que eles também se

envolveram: o conto. Pesquisei poemas narrativos que abordassem o mundo infantil. Antes de lê-los, contava as histórias deles como se fossem contos. “Porquinho da Índia”, de Manuel Bandeira; “Menino doente”, de Mário Quintana; “A boneca”, de Olavo Bilac. Falei de prosa, estrofes e versos, rima, ritmo, repetições, e também sobre o sentido dos diminutivos. Perguntei a eles se lembravam de algum brinquedo que ganharam na infância, do qual sentiam saudade. Pedi-lhes que contassem para o colega essa história: “Agora tente contá-la por escrito, em forma de poema”.

Para “esquentar” um pouco mais as turmas, voltei a uma questão do Caderno do Professor e propus aos alunos que percorressem a escola perguntando: “Qual a diferença entre poema e poesia?”. Ninguém sabia responder. Uns buscavam dicionários, outros me procuravam para saber. A ação movimentou a escola. A turma “curtiu explicar a questão para os professores”.

Na primeira oficina, quando os alunos saíram em busca dos poemas que a comunidade conhecia, expliquei a eles que poderiam – como a população da região gosta muito de música sertaneja – coletar letras de canções. Assim, ninguém deixou de participar e o mural ficou bem diversificado.

Continuei com o estudo do recurso poético. Levei para a sala o poema “Bolha”, de Cecília Meireles<sup>2</sup>. Mostrei aos alunos o jogo de sons que se alternavam e as repetições que criavam o ritmo.

Chegou a hora de produzir o primeiro texto sobre o tema da Olimpíada. Julguei que não encontrariam tanta dificuldade, pois já haviam estudado várias características de um poema. Enganei-me.

Percebi que faltavam informações sobre a cidade. Solução? Biblioteca. Encontramos uma obra riquíssima: *História de Altinópolis nos séculos XVIII, XIX e XX*, de José Iglair Lopes. A leitura dos livros foi feita em sala de aula e em casa. Muitos pais ficaram curiosos e quiseram conhecer a história de nossa cidade.

Outra etapa que exigiu muita atenção foi a reescrita dos textos. Novamente foi preciso levantar o ânimo da criançada. Expliquei aos alunos que até os grandes escritores reescrevem seus textos várias vezes e mostrei-lhes o rascunho de um poema de Vinicius de Moraes publicado na revista *Na Ponta do Lápis*, nº 4, página 16. Depois li e comentei o poema “Catar feijão”, de João Cabral de Melo Neto, em que o poeta compara o ato de catar feijão com a reescrita do texto: selecionar, eliminar as palavras que boiam, ou seja, as repetições de palavras ou expressões inadequadas. Para aproximar ainda mais do cotidiano deles, comparei também com o café sujo espalhado no terreiro para rastelar. Se não tirar as impurezas, não terá bom preço no mercado.

Inicialmente, fiz a reescrita coletiva de um dos textos. Depois, organizei os alunos em duplas para que trocassem ideias antes da reformulação do poema. Planejei três aulas para essa etapa. Sentei com cada dupla para ouvir os autores, auxiliá-los na correção e dar sugestões.

2. Cecília Meireles. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

## Poema original

### Pedacinho do céu

A minha cidade é muito bonita  
O povo gosta de falar de Ventania  
Aqui venta de noite e venta de dia  
Como ela fica entre as serras  
Mudou o nome para Altinópolis

Depois que cresci um pouco  
Mudei para uma roça  
Aqui não tem quase nada  
Não tem riqueza, mas tem beleza

Levanto cedo e vou ao curral  
A minha vaca Fada já está lá  
Parece até mágica  
Quando eu olho na minha caneca  
O leite está branquinho e espumando

## Poema reescrito

### Pedacinho do céu

Lugarzinho encantado  
Aonde o vento veio morar  
A querida Ventania  
Que o povo não cansa de falar  
Hoje, por se esconder entre belas serras,  
Altinópolis passou a se chamar.

Venta, venta, Ventania...  
Vim parar noutro lugar  
Aqui não tem banco nem dinheiro,  
E nem *shopping* para passear  
Mas toda a beleza do mundo  
Se encontra neste lugar.

De manhã vou ao curral  
A vaca Fada lá está  
A mágica é sem varinha de condão  
Dentro da minha caneca  
Caem nuvens de algodão.

O poema reescrito revela o que o aluno aprendeu durante as oficinas de escrita. Em “o vento veio morar” e “por se esconder entre belas serras” a cidade e o vento adquiriram características humanas – *personificação*.

Na primeira estrofe a escolha do verbo “esconder”, no penúltimo verso, amplia as possibilidades de interpretação: sentido próprio e figurado.

Na segunda estrofe, o aluno-poeta brinca com as palavras “vento” e “Ventania”, repetindo a palavra e a consoante – aliteração –, para dar mais ritmo ao poema. Especificou o que queria dizer e terminou com um paralelismo sintático, que se repete em outras estrofes.

Na terceira estrofe, com muita originalidade, afirma que o leite caindo na caneca é magia e a mágica de sua vaca Fada supera qualquer outra, porque é sem varinha de condão. E, para finalizar a estrofe, lança mão da metáfora.

Observe também como mudou o pensamento dos alunos sobre poesia:

“Pensei muito para fazer a poesia sobre a minha roça. Falei do meu cavalo, do córrego com peixes etc. Eu gostei muito do meu poema.”

Pedro Henrique

“No começo, não gostei de escutar a professora lendo os poemas. Antes eu detestava poemas, agora estou começando a gostar.”

Marcos Vinícius

“Quando escrevo um poema, quero contar como me sinto, acho isso importante, é um modo de a pessoa ler e gostar do que escrevi.”

Franciele

Os poemas estavam ali, prontos para voar... muitos deles ilustrados. Organizamos um pequeno sarau. Reservei três aulas para trabalhar a leitura. Para acertar o ritmo e a entonação, lemos e relemos várias vezes o poema.

Providenciei cópias deles. Uma para o sarau e outra para exposição. Nossa escola é rodeada de árvores. Resolvemos embelezá-las ainda mais. Amarramos em seus galhos cordões com os poemas. Eu estava na sala de aula com alguns pais, quando veio um aluno me chamar: “Dona Rosinha, estão roubando os nossos poemas!”. Verifiquei, com prazer, que muitos deles haviam sumido. Isso não é problema. “Enquanto existirem pessoas dispostas a roubar poemas, estarei aqui para incentivar os pequenos a escrevê-los”, pensei.

Para completar a nossa alegria, um de nossos alunos está na semifinal. Nós conseguimos. A cabana está cheia de flores!



zélia gattai

# Vinicius de Moraes

Graças a uma das visitas de Vinicius à nossa casa, salvou-se a série de canções para crianças, de sua autoria:

À beira da piscina, o inseparável copo de uísque ao lado, violão em punho, Vinicius cantava.

Faço um parênteses para me desculpar. Na afobação de querer contar logo a história que me veio à memória — como já devem ter percebido, não tenho anotações, tiro tudo da cachola à medida que as lembranças chegam — esqueci-me de pedir licença para, ainda uma vez, avançar no tempo. Peço agora, pois devo explicar como foi que as músicas infantis de Vinicius de Moraes se salvaram. Avanço tanto, tanto, que falo até de meus netos, os três que existiam na época: Mariana, Bruno e Maria João.

Nessa ocasião, o amor de Vinicius, sua mulher, era uma baiana, Gessy Gesse, a quem devemos a vinda do poeta à Bahia, onde até uma casa ele construiu, disposto a ancorar entre o mar e os coqueiros de Itapuã.

Estávamos à beira da piscina e Vinicius cantava — como foi dito — quando chegaram meus três netos.

*Eu agora vou cantar umas musiquinhas para vocês*, disse Vinicius às crianças, e começou: *Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... Espera aí*, interrompi, *vou buscar um gravador*. Assim

dizendo saí ligeiro. Voltei em seguida, gravadorzinho ligado e ele recomeçou: *Lá vem o pato, pato aqui, pato acolá...* Cantou todas as canções, intercalando entre elas uma chamada: *Esta é para Marianinha!... Esta é para Bruninho!... Esta é para Maria João!...* Encantadas, as crianças ouviam as músicas pela primeira vez, pois elas ainda não haviam sido gravadas naquela ocasião. Ao saber que não restara nenhuma gravação delas após a morte de Vinicius, entreguei meu cassete à Gilda Queiroz Matoso, última e amada companheira do poeta até seus derradeiros momentos. Gravação precária, porém a única que restou e é a que se ouve até hoje.

Vinicius tornou-se íntimo de Calasans Neto e Auta Rosa, adorava o casal, alugou casa em Itapuã antes de construir a própria, queria ficar perto deles.

A rua da Amoreira, onde moravam — e moram até hoje — Calasans e Auta Rosa, era um horror: lama, buraqueira e, como se isso não bastasse, havia esgoto a céu aberto.

Frequentador assíduo da casa, inconformado com a situação dessa rua, Vinicius não teve dúvida, redigiu uma petição em versos ao prefeito de Salvador. No poema, verdadeiro primor, pedia-lhe atenção e carinho para a rua.

Combinou com Jorge, que conseguiu a publicação do poema-petição na primeira página do jornal *A Tarde*.

---

**Zélia Gattai Amado** [São Paulo (SP), 1916 – Salvador (BA), 2008]. Memorialista, escritora de literatura infantil e romancista. Filha de imigrantes italianos e caçula de cinco irmãos, vive em São Paulo toda a infância e adolescência. Influenciada pela militância do pai no movimento operário, torna-se anarquista. Aos 20 anos, casa-se com o intelectual e membro do Partido Comunista Aldo Veiga, com quem tem um filho. Separada de Veiga, em 1945, em uma manifestação pela anistia dos presos políticos, conhece em São Paulo o romancista Jorge Amado (1912-2001), com quem se casa meses depois. Amado é eleito deputado federal, em 1946, pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), então, eles se mudam para o Rio de Janeiro. Com o PCB declarado ilegal e seus integrantes perseguidos, logo partem para o exílio em Paris, onde vivem por três anos. Nesse período, Zélia estuda civilização francesa, fonética e língua francesa, na Universidade de Sorbonne. Entre 1950 e 1952, vive na Tchecoslováquia, e começa a fotografar, registrando momentos importantes da vida do marido. Em 1963, muda-se para Salvador. Aos 63 anos, publica seu primeiro livro, *Anarquistas, graças a Deus*. Escreve também literatura infantil, como *Pipistrela das mil cores*, de 1984. É eleita, em 2001, para a ABL (Academia Brasileira de Letras), para a cadeira ocupada por Amado, a de número 23.

*Enciclopédia Itaú Cultural-Literatura Brasileira*. Disponível em <<http://itaucultural.org.br>>.

## Petição ao prefeito

Prefeito Clériston Andrade  
A quem ainda não conheço:  
Quero tomar a liberdade  
Que eu nem sequer sei se mereço  
De vir pedir-lhe, em causa justa  
Um obséquio que, sem favor  
Muito honraria (e pouco custa!)  
Ao Prefeito de Salvador.  
Existe ali no Principado  
Livre e Autônomo de Itapuã  
Uma ruazinha que, sem embargo  
Pertence à sua jurisdição  
Uma rua não sem poesia  
E cujo título é dar teto  
A uma das glórias da Bahia:  
O gravador Calasans Neto.  
Dizer do estado dessa ruela  
(Da Amoreira) eu não arrisco  
Porque sem esgotos, correm nela  
Rios de... – Valha-me o asterisco!  
E isso é uma pena, Senhor Prefeito  
Pois Calasans e sua gravura  
Têm cada dia mais procura  
De fato como de direito:  
O que constrange os visitantes  
Com boa margem de estrangeiros  
A, entre gravuras fascinantes  
Ver quadros nada lisonjeiros.  
Calce essa rua, Senhor Alcaide  
E eu lhe garanto que algum dia  
Pro domo sua, esta Cidade  
O há de lembrar com mais valia.  
Na expectativa de que acorde  
Um novo “Cumpra-se”, sem mais  
Aqui se assina, muito ex-corde  
O seu, Vinicius de Moraes.

Tiro e queda, a resposta do prefeito foi imediata, em pouco tempo a rua de Auta e Calá foi consertada e asfaltada e, diga-se de passagem, ela foi, por algum tempo, a única rua asfaltada das imediações.

Naqueles tempos, a decantada beleza de Itapuã se resumia no mar, nas praias, nos coqueirais e nas canções de Dorival Caymmi.

Para festejar o acontecimento, Jenner Augusto e Luísa ofereceram um almoço ao qual Vinicius compareceu vestido de gari da limpeza pública, levando para Calá e Auta a petição, enquadrada.

Texto extraído do livro *A casa do rio Vermelho* (Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 127).

# O que a Olimpíada faz com os textos que recebe?

Talvez seja essa uma questão que professores e escolas se façam depois de enviar os textos selecionados para a comissão julgadora municipal.

Para respondê-la, convidamos você a acompanhar o agitado percurso da “folha oficial” da Olimpíada.

—  
Maria Tereza Cardia



Maria Tereza Cardia é doutora em psicologia da educação, integrante da equipe da Olimpíada.

2010, ano de concurso, grande produção e movimentação de textos para todos os lados! Impressas numa gráfica, em um ponto qualquer do país, as folhas saem com destino às 60.123 escolas inscritas, situadas em 98% dos municípios brasileiros – dos mais pequeninos às metrópoles. Por fim, o grande momento: frente a frente com um(a) emocionado(a) aluno(a)-autor(a) que capricha na letra ao passar seu texto a limpo, atento(a) para não pular nada. Da escola segue para a comissão municipal, onde

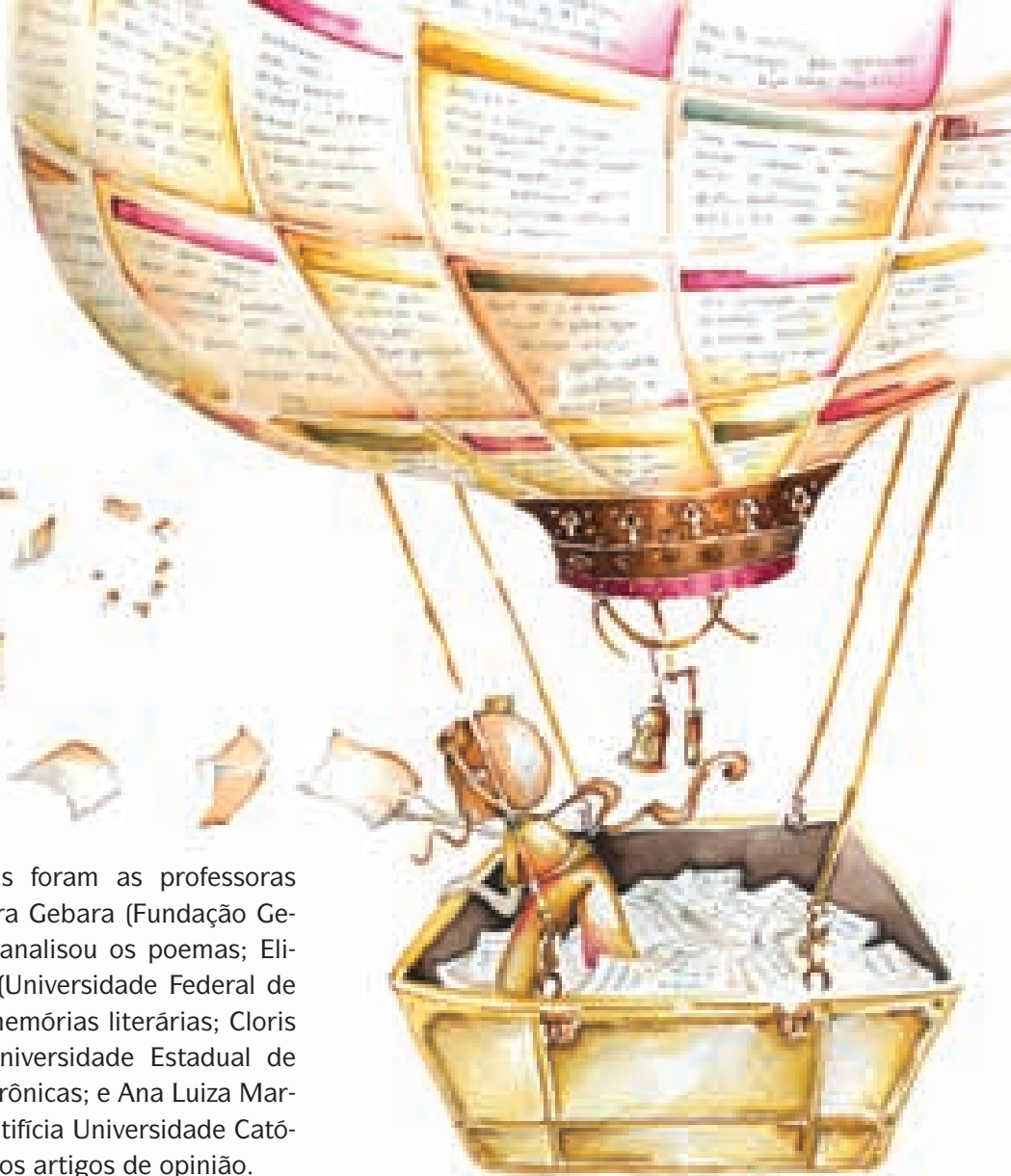
é lido por várias pessoas e recebe nota. Dali, os selecionados são enviados por correio para o Cenpec, em São Paulo. Milhares de produções, de todo o Brasil, viajam de barco, bicicleta, avião, ônibus, caminhão, até a sede da Olimpíada, onde são recebidas, cuidadosamente organizadas e encaminhadas para digitalização. Transformadas em arquivo digital, com dados de identificação e notas encobertas, são disponibilizadas para, no mínimo, dois avaliadores do respectivo Estado. Um “clique”, e nova viagem dos textos rumo à leitura e avaliação nos mais variados lugares, feita por pessoas especialmente preparadas para colaborar no processo. Por fim, lidas e relidas, foram selecionadas as 500 produções semifinalistas, 125 por gênero.

E os outros textos?

Os 17.698 trabalhos que chegaram às nossas mãos representam um verdadeiro tesouro, pois guardam informações preciosas a respeito de como estão escrevendo nossos alunos, dos conhecimentos deles sobre o gênero estudado e do tipo de ajuda de que precisam para aprimorar a qualidade dos textos.

Para conhecer e explorar melhor esse valioso acervo, convidamos um grupo de especialistas em língua portuguesa para analisar uma amostra de 1.538 textos, quase 400 por gênero. Não seria possível examinar tudo o que recebemos, por isso, para fazer a seleção da amostra, tomamos os cuidados estatísticos a fim de que fosse representativa do conjunto.





As especialistas foram as professoras doutoras: Ana Elvira Gebara (Fundação Getúlio Vargas), que analisou os poemas; Elizabeth Marcuschi (Universidade Federal de Pernambuco), as memórias literárias; Cloris Porto Torquato (Universidade Estadual de Ponta Grossa), as crônicas; e Ana Luiza Marcondes Garcia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), os artigos de opinião.

Sabedores de que os resultados do estudo serão de grande valia, não apenas para nós, da Olimpíada, mas também para os que trabalham diretamente com os alunos, planejamos divulgá-los em uma publicação. O professor Egon Rangel (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) aceitou coor-


denar a elaboração do documento que reúne as análises, com um capítulo para cada gênero, e discutir, ao final, questões transversais, comuns aos vários gêneros. Esperamos, independentemente do concurso, que o material seja útil ao cotidiano escolar dos

Os textos dos semifinalistas da segunda edição foram encaminhados para especialistas, que fizeram uma análise com vistas em orientar o olhar dos professores, por ocasião dos encontros regionais, para o aprimoramento dos trabalhos. Os resultados desse estudo foram publicados nos dois últimos números desta revista.


### Número de textos recebidos pelos municípios e Estados

ETAPA	Poema	Memórias literárias	Crônica	Artigo de opinião	TOTAL
Municipal	31.922	18.470	17.545	6.866	74.803
Estadual	5.625	4.524	4.342	3.207	17.698


Destes foram selecionados os 500 semifinalistas (125 por gênero).



[...] os aprendizes foram orientados a realizar entrevistas com antigos moradores e a obter dos entrevistados informações particulares, interessantes, pitorescas, sobre a comunidade local em épocas passadas. Assim, o momento da entrevista pode ser considerado como o mais crucial do processo, pois, por serem muito jovens, os estudantes não detêm essas informações.




[...] uma das estratégias é responsabilizar os alunos, primeiro, pela leitura de seu poema em voz alta, assim como o de outros, e, depois, pela troca de impressões com os colegas. A leitura em voz alta faz parte da didática do poema, seja de textos próprios, seja de textos de outros – e esse pode ser um bom modo de intervenção para a revisão da escrita. Muitas vezes, dentro desse procedimento, os alunos-poetas resolvem problemas de métrica e ritmo de seus poemas. Na sua voz ou na do outro, o autor consegue escutar melhor o seu verso, rima e metáfora e ver como são interpretados.



O debate levará os estudantes a realizar ações importantes para reescrever o texto: avaliar os argumentos utilizados pelos oponentes, assim como os seus próprios, identificando aqueles que são fracos, duvidosos, contêm raciocínios falsos e pressupostos questionáveis. Esse exercício vai fazer que, ao reescrever o artigo de opinião, os estudantes registrem e refutem as vozes contrárias à posição que querem defender – os chamados contra-argumentos –, realizando um procedimento que, como apontamos, mostrou-se bastante tímido na grande maioria dos textos da amostra.

Trechos da publicação *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?*



Convém lembrar que, ao fazermos um relato, é comum situarmos as experiências vividas no espaço e no tempo valendo-nos de estruturas narrativas que marcam o seu desenrolar e a conclusão. Assim, os pretéritos perfeito e imperfeito, aos quais nos referimos anteriormente, são característicos das narrativas. Todavia, o relato muitas vezes dificulta o exercício próprio da ficção: vasculhar, conhecer e refletir sobre os pensamentos e sentimentos dos personagens envolvidos nessas experiências.

professores, ajudando-os a (re)organizar a prática em sala de aula.

Já havíamos realizado estudos qualitativos semelhantes na segunda e terceira edições do Programa *Escrevendo o Futuro*<sup>1</sup>, que se destinava a alunos de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental. É chegada a vez da Olimpíada. Em breve, todas as escolas que enviaram textos para a comissão julgadora

municipal receberão a publicação *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?*, que também será disponibilizada no site da Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br>>.

Acreditamos, assim, estar contribuindo para o seu trabalho, o de professor(a) que ensina a escrita de gêneros textuais. O objetivo maior – ambicioso, sabemos – é contribuir para a redução das desigualdades escolares.

Juntos, chegaremos lá!

1. Foram publicados nos números 3 e 7 desta revista, respectivamente. Esses exemplares também podem ser consultados na Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br>>.

## Um semestre cheio de formação e informação

### O que faz diferença para o professor?

Todo professor faz indagações a si mesmo sobre como seus alunos estão reagindo e se desenvolvendo com o trabalho realizado na escola. E é por causa dessa preocupação que a coordenação da Olimpíada resolveu convidar especialistas em metodologias de ensino da língua portuguesa para realizar uma análise dos textos produzidos por estudantes na edição de 2010. Uma amostra de 400 produções de cada gênero da Olimpíada – Poema, Memórias literárias, Crônica e Artigo de opinião –, estatisticamente representativa, serviram de base para o estudo. Que conhecimentos esses alunos já possuem sobre o gênero em que se envolveram? Que proficiência eles atingiram em seu esforço de aprendizagem? Que podemos fazer para levá-los um passo adiante em cada gênero? Essas e outras questões foram pontos de partida para a análise que será distribuída às escolas no final de setembro.

### Sequência didática: aprendendo por meio de resenhas

A partir de setembro professores de língua portuguesa da rede pública poderão participar do curso a distância, via internet, sobre o gênero “Resenha” na Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*. No curso será possível vivenciar uma sequência didática para escrever a resenha de um produto cultural e, com base nessa vivência, compreender quais são os princípios do trabalho com gêneros e com sequências didáticas na escola. O curso, que terá sete módulos, possibilitará aos participantes uma experiência real de aprendizagem e de aprimoramento da capacidade de escrever um gênero do discurso com essa metodologia de ensino. Ele terá dez semanas de duração. Mais informações no site <<http://escrevendo.cenpec.org.br>>.

### A escrita em foco: reflexão em várias vozes

Professores finalistas da Olimpíada, técnicos de secretarias de Educação, responsáveis pela organização de atividades de formação continuada em língua portuguesa, pesquisadores e formadores ligados ao Cenpec, à universidade e a centros de formação estarão reunidos para discutir o ensino da escrita, de 29 a 31 de agosto de 2011, em Brasília. Os educadores vão estabelecer um diálogo entre orientações oficiais e as pesquisas, as práticas de ensino e de formação docente de todo o país. Todas as reflexões e práticas apresentadas no seminário serão publicadas no próximo número da revista *Na Ponta do Lápis*.

### Novo curso presencial para formadores

No segundo semestre de 2011 a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* vai oferecer o curso de formação presencial para técnicos indicados pelas secretarias estaduais de Educação e pela Undime nos Estados brasileiros e no Distrito Federal. Também poderão participar os professores finalistas da última edição da Olimpíada, juntamente com os coordenadores

pedagógicos ou diretores de suas escolas. Os cursos serão ministrados por docentes de universidades públicas dos respectivos Estados, e os participantes serão responsáveis por irradiarem o conhecimento, formando educadores em seus municípios e regiões. O número de vagas para cada Estado foi calculado com base no índice de participação na Olimpíada de 2010.

*“Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. Se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? que é que se diz? e como dizer? e como que se começa? e que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo.”*

Clarice Lispector. “Como é que se escreve”, in: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 156-157.

## Idas e vindas

# da escrita

Escrever não é um talento natural. É uma habilidade que pode ser desenvolvida, mas que exige do autor um trabalho artesanal, resultado de sucessivas versões, de muitas idas e vindas.

Na escola, esse processo não é diferente. Talvez seja mais trabalhoso, já que estamos falando de aprendizes. À medida que o aluno-autor vai conquistando maior autonomia, sabe o que dizer, como dizer, quais palavras usar, além de analisar e corrigir o que foi dito.

O ideal é que o estudante vivencie a escrita como prática social; nesse contexto, a reescrita passa a fazer parte do processo de produção do texto. Assim, o aluno-autor aprende a ordenar as informações, identificar o que precisa contar ou explicar melhor, decidir o que cortar, substituir, refinar, para que a escrita atenda o leitor real, o suporte<sup>1</sup> e o local de circulação social do texto.

1. Usa-se o termo técnico “suporte” para designar o meio material em que um discurso se dá. A voz ao vivo, o impresso, os muros, os ambientes digitais são exemplos de suportes para, respectivamente, o bate-papo, a bula de remédio, a pichação e o e-mail.

## ■ Por onde começar?

O primeiro passo é seu, professor. É importante planejar os procedimentos antes de iniciar a proposta de reescrita do texto em sala de aula:

- ◆ Descubra os conhecimentos que o aluno tem de mundo, de língua, de leitura, para compreender de que lugar ele fala.
- ◆ Leia e analise a escrita dos alunos para diagnosticar os saberes e as dificuldades recorrentes. Observe:
  - as peculiaridades do gênero;
  - a estrutura do texto;
  - a coerência no desenvolvimento das ideias;
  - se o nível de informação corresponde às características do leitor pretendido;
  - os recursos de coesão utilizados;
  - se a variedade linguística e o registro escolhido são adequados ao tema, ao objetivo e à situação interlocutiva;
  - a ortografia;
  - a pontuação.
- ◆ Elabore uma lista dos problemas mais comuns da turma, para ajustar as atividades de intervenção.
- ◆ Planeje a forma de apresentar o roteiro de revisão<sup>2</sup>, incluindo os aspectos a serem observados.

2. Consulte na página 135 do Caderno *Poetas da escola* o roteiro de revisão para o poema e na página 124 do Caderno *A ocasião faz o escritor*, o roteiro para crônica.

## ■ A vez e a voz do aluno-autor

Professor, lembre-se de que é fundamental preservar a voz do autor, o sentido estético e a força semântica do texto para que se possa atingir a finalidade a que se propõe.

## ■ Na sala de aula

- ◆ Retome com os alunos a situação de comunicação: para quem escrevo, com que objetivo, sobre o que escrevo, qual o suporte e em que espaço a produção irá circular.
- ◆ Faça perguntas que os levem a refletir sobre o texto.
- ◆ Encoraje os alunos a achar um jeito próprio de dizer, a encontrar o tom (informal, irônico, crítico, formal...) que deseja imprimir à escrita.
- ◆ Ajude-os a ocupar o lugar de leitor do próprio texto ou de um leitor presumido.
- ◆ Não desanime! É possível dividir a tarefa em etapas com objetivos bem delimitados e desenvolver um trabalho colaborativo propondo questões que ajudem os alunos a ver e rever o texto. Anime-os com várias atividades coletivas de reescrita antes de propor o trabalho em pequenos grupos ou duplas e a autocorreção.

## ■ Como intervir?

- ◆ Inicie a conversa destacando as qualidades do texto.
- ◆ Mostre os principais problemas e dê indícios que ajudem o aluno a identificá-los e a refletir sobre eles.
- ◆ Faça perguntas que orientem, sem sobrepor ou impor, o que pode ser feito.
- ◆ Organize anotações que ajudem o aluno a retomar o texto depois da conversa. Estabeleça um diálogo: escreva bilhetes, faça perguntas, apresente dados, ofereça elementos que direcionem o trabalho de revisão.

Lembre-se: a qualidade da intervenção do professor – seja ela oral ou escrita – influencia a interação do aluno com seu texto.



## Olhando o texto – algumas possibilidades

Dois exemplos – um poema e uma crônica – foram escolhidos para ilustrar possíveis intervenções.

### *Lugar onde eu vivo*

*Minha cidade é boa de viver,  
Pequenina, uma lindeza.  
E o povo que nela vive  
Tem sempre muita gentileza.*

*Ela fica no interior  
No meio da natureza.  
O canto dos passarinhos  
É sempre uma beleza.*

*Eu sempre pesco no rio,  
Tomo banho na cachoeira,  
Meus amigos vão comigo  
E com eles nunca brigo.*

*Aqui tem muito turista  
Que gosta da natureza,  
Eles mergulham no rio  
E brincam de tirolesa.*

Beatriz, percebi que você gosta muito do lugar em que vive. Ao ler o seu poema, fiquei até com vontade de tomar um banho de cachoeira.

Bia, além das belezas naturais, o que mais você observa na cidade? O que acontece de curioso neste lugar? Há festa popular? Isso pode fazer parte do poema? Como você percebe que o seu povo é gentil? Releia seu texto, pensando nessas questões. Se quiser, eu posso ajudá-la na reescrita.

### ■ O texto revela que o aluno-poeta

- ◆ sabe que o poema tem estrutura diferente da prosa;
- ◆ usa estrofes, versos, organizados em quadras;
- ◆ traz para o poema muito ritmo, cadência e musicalidade;
- ◆ caracteriza a cidade de um jeito carinhoso (pequena, com povo gentil e hospitaleiro);
- ◆ descreve as belezas naturais do lugar (pássaros, rios e cachoeiras de águas limpas, onde se pode brincar e pescar), um convite convincente ao leitor;
- ◆ manifesta tensão entre o que dizer (conteúdo) e o jeito de dizer (forma);
- ◆ apoia-se na rima para compor os versos: lindeza/ gentileza/ natureza/ beleza/ tirolesa; comigo/ brigo;
- ◆ usa a 3ª pessoa do singular para falar da cidade: “Ela fica no interior”.

## Intervenções do professor que contribuem para a poeticidade do texto

### ■ Título

- Do que trata o poema? Você acha que o título do poema desperta a curiosidade do leitor? O tema abordado pelo autor poderá ser título do texto?
- É interessante escolher o título depois de escrito o texto, pois as ideias apresentadas poderão fornecer pistas para um título mais instigante.

### ■ Rima

- Que outras palavras poderão rimar no texto? Percebe-se que o aluno está preocupado com a sonoridade (lindeza/ gentileza/ natureza/ beleza/ tirolesa; comigo/ brigo), mas não investe na qualidade das rimas nem na alimentação temática. Pode-se avançar propondo um exercício em que os alunos tenham de recorrer ao dicionário para descobrir outras palavras que rimem com as anteriores usadas no texto, ou mesmo pedindo sugestões à classe.
- Se você quer que seu leitor aprecie a beleza da cidade, que outros recursos poderá utilizar? O que você acha mais importante: dizer que sua cidade é bela ou fazer com que o leitor encontre essa beleza naquilo que você vai apresentar a ele?
- Qual o nome do rio que corta a cidade? E a cachoeira tem nome? Como você percebe que o seu povo é gentil? Que comportamento revela alguém que tem gentileza? Recebe bem os que chegam de fora? Conviu bem com seus vizinhos e conterrâneos?
- Em sua cidade costuma-se festejar alguma coisa? Há festa de padroeiro ou outra comemoração popular (congada, folia de reis, cavalgada, rodeio...)?
- Os dois primeiros versos da segunda estrofe precisam provocar a imaginação do leitor. Em vez de “Ela fica no interior/ No meio da natureza”, que outras expressões podem encantar o leitor? Por exemplo: “Ela é como um ninho/ protegida pela natureza;/ fica bem no interior,/ onde tudo é natureza”.

- Na terceira estrofe, além da quebra da sonoridade pela reorganização das rimas, a relação de amizade é manifestada de modo bastante ingênuo. Pode-se perguntar: “Além do 'dar-se bem', o que mais fortalece a amizade? Como poderemos saber que alguém é mesmo nosso amigo?”.

### ■ Práticas que favorecem a aprendizagem do poema

- Leitura cativante, emocionada, de diferentes poemas, feita, em voz alta, pelo professor.
- Escuta da leitura do seu poema por outros alunos, para que possa ouvir na voz do outro a interpretação do seu verso, sua rima, sua metáfora. É uma forma interessante de reavaliar o poema.
- Gravação, se possível, da leitura (orientada pelo professor) dos alunos. Esse meio faz perceber as palavras, as expressões, o modo de dizer, a identidade desses meninos e meninas.
- Audição do CD-ROM que acompanha o Caderno *Poetas da escola* ou recitação poética, jogral, sarau em sala de aula.
- Análise de diversos textos do gênero poético, modelos de referência que ajudam a lembrar as características do gênero e avaliar como os alunos estão utilizando esses elementos na produção deles. Os poemas do Caderno *Poetas da escola*, da Coletânea de textos, do CD-ROM e os próprios poemas dos alunos são bons recursos para esse estudo.
- Brincadeira com palavras, figuras de linguagem, sons, métrica e ritmo. Instigar, como em um jogo, diversas formas de arrumação possível das palavras até chegar a um arranjo ou a uma forma interessante.
- Alimentação temática, por meio da leitura de poemas, destacando as metáforas encontradas, aquelas que podem inspirar a criação de imagens poéticas e ampliar as possibilidades do que dizer.

## A rua

O bairro onde moro é parecido com tantos outros. Ora tranquilo, ora agitado. Coisas simples, comuns, tornam este lugar especial. Numa manhã, observei alguns meninos brincando na rua.

O asfalto se transforma em campo de futebol, onde eles se divertem. Duas pedras demarcam cada trave. Os times se formam. Os garotos jogam até cansarem. De repente ouve-se uma voz:

— Parem, alguém está passando na rua!

Todos param e aguardam o rapaz e a senhora passarem.

— Vai! — o outro grita.

Tudo começa de novo.

Brincadeiras de moleque, brilho nos olhos, um gol e um segundo de emoção, a velha bola vira a sensação do momento.

Anoitece. O jogo acaba. Os meninos retiram as pedras-traves do meio da rua, pegam suas coisas e entram para suas casas. O campo de futebol dá lugar a uma rua normal, igual a qualquer outra. Pessoas e carros voltam a ocupar seu espaço.

Léo,

O jogo de futebol enche de vida a rua! Acho que os leitores de sua crônica vão querer saber mais sobre a divertida brincadeira. Como são os meninos que jogam no asfalto? Quantos eram? Como os times foram formados? O que você acha de, antes de o jogo acabar, surpreender o leitor criando uma situação inusitada? Caso precise de ajuda, pode contar comigo.

### ■ O texto revela que o aluno-cronista

- ◆ recorta um episódio corriqueiro do cotidiano: jogo de futebol, uma pelada no asfalto;
- ◆ usa uma linguagem bem cuidada, informal, leve, quase uma conversa com o leitor;
- ◆ utiliza o narrador para descrever a brincadeira, o cenário, os times, o esgotamento dos meninos no jogo;
- ◆ narra em tom divertido, aproximando o leitor do texto;
- ◆ traz outras vozes para o texto, num breve diálogo dos garotos;
- ◆ escolhe palavras com toque poético “brilho nos olhos”, “um segundo de emoção”, “a velha bola”.



## Intervenções do professor que possibilitam a melhoria da crônica

Durante a reescrita, caberá ao professor fazer as perguntas e ajudar a turma a negociar os elementos a serem escolhidos entre as sugestões feitas pelos alunos. Apesar de o desenrolar da narrativa prender a atenção do leitor, sentimos falta de algo que cause maior impacto. Algumas orientações poderão ajudar a turma a descobrir o que fazer para dar mais vida à crônica.

- Havia uma liderança maior no time?
- Alguém brigou no jogo? Como isso foi resolvido?
- Havia alguém que era o craque do grupo? Por quê?
- O gol marcado foi comemorado? Havia plateia, torcida?
- De quem era a bola?
- Quanto tempo durou o jogo? Começou pela manhã e estendeu-se até à noite?
- Como os garotos voltaram para a casa deles?
- Qual é o sentimento vivido pelos meninos quando a brincadeira acaba e a rua retoma seu “fluxo” normal?
- Que outras coisas tornam essa rua especial?

O fato inusitado poderá ser uma briga entre os jogadores; a intervenção de um adulto que acaba com a brincadeira; o dono da bola que para de brincar e leva a bola e a alegria embora; um carro que passa em cima da bola e acaba com o jogo; ou uma garota que chega e desperta num dos jogadores a vontade de se exhibir em sua melhor forma, virando o jogo.

### ■ Práticas que favorecem o ensino da crônica

- Leitura de diferentes crônicas – literárias, reflexivas, líricas, irônicas, bem-humoradas, críticas –, publicadas em jornais, revistas, livros; modelos de referência no estudo dos aspectos do gênero.
- Leitura das crônicas da Coletânea de textos da Coleção da Olimpíada.
- Audição das crônicas do CD-ROM que acompanha o Caderno *A ocasião faz o escritor*.
- Escuta de canções do repertório da música popular brasileira cujas letras são verdadeiras crônicas musicais.
- Exercícios de substituição de palavras e rearranjo das estruturas de sentenças do texto, com vistas em observar o significado que as diferentes palavras e estruturas de frase geram.
- Atividades com foco nos distintos efeitos de sentido provocados pelo uso de pontuações: as reticências, as exclamações, os parênteses para introduzir explicações, as aspas para marcar alguma ironia.



# A literatura e os leitores jovens

## Pontos de partida


A leitura de poemas e de narrativas ficcionais por jovens já percorreu um longo caminho e conhecer essa trajetória anterior deveria ser o ponto de partida para a discussão sobre o tema. Quais foram os caminhos trilhados por leitores que hoje se encontram no período que vai do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio?

---

Maria Zélia Versiani Machado

**Maria Zélia Versiani Machado** é professora da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita) da FAE/UFMG.





*O mundo ia lhe ensinando assim:  
dava a ele um encanto e depois o quebrava.*

João Anzanello Carrascoza

**S**e nos reportamos à infância, sabemos que, antes de aprender a ler, a imaginação criadora e a exploração sonora e semântica próprias das brincadeiras infantis se misturam à descoberta do mundo e com ela se confundem. É assim que no colo da mãe, do pai, dos avós, palavras, ritmos e movimentos produzem elos prazerosos entre o adulto, que já está no mundo, e a criança, que quer se sentir nele, ao som de versos como: “Serra, serra, serrador, quantas tábuas já serrou?”. A princípio, não interessa à criança o significado das palavras, mas a sonoridade da sequência, que embala o movimento de ir e vir e produz sensações alternadas de medo e de segurança. Reconhecidas as relações entre as formas orais e escritas da literatura, não há como negar que para a criança pequena a porta de entrada para o universo da literatura se orienta pela experimentação essencialmente lúdica e poética da linguagem.

Sabendo da força dos repertórios orais na formação do gosto pela literatura, muitos poetas reforçaram, em suas obras, o forte lastro da literatura infantil com as “fórmulas” poéticas da oralidade, que tanto atraem a criança pequena, em composições em que voz e gestos são complementares. No âmbito das narrativas, contos para crianças podem ser ouvidos, desde muito cedo, pela voz do adulto; vistas em filmes e desenhos animados nas telas; lidas em edições de obras que contam e recontam as histórias infantis. As narrativas se misturam à vida na infância e cumprem, assim, o papel de mostrar que a vida tem seus sabores e dissabores.

Se essa dimensão afetiva da linguagem foi explorada antes, durante e depois da alfabetização, será muito mais fácil dar continuidade à experiência anterior de quem já vem descobrindo o mundo e busca respostas para questões de difícil explicação, que a literatura tenta dar. Entrar no mundo letrado pela porta da literatura gera um efeito simbólico em que a escrita constitui experiência da subjetividade e da alteridade, que repercutirá por toda a vida. No entanto, é bom lembrar que para o bem, se a experiência foi prazerosa; para o mal, se se impõem objetivos de natureza diversa do da leitura literária, que anulam a condição de abertura

do texto, em mediações malsucedidas. Na infância, a escrita surge, assim, não como um código descolado da vida do leitor, ela é a linguagem que possibilita conhecer o mundo e a si próprio, na identificação com personagens, no envolvimento com os sons, com os ritmos, com as rimas; enfim, no contato com a ficção e a fantasia.

Tal como sucede com outros aprendizados, é sempre bom ressaltar que se aprende a gostar de histórias inicialmente pela voz do adulto, leitor já conhecedor de repertórios de textos ficcionais e poéticos, que apresenta à criança e ao jovem não só as narrativas e os poemas, mas também os suportes onde eles são registrados, onde são dados à leitura. Daí o acesso a livros, telas, suplementos de jornais, folhetos, enfim, a todo e qualquer portador de texto da literatura, também fazer parte desse processo, o que amplia significativamente o que se concebe como aprendizado da leitura literária. E não paramos por aí, pois esses portadores de textos têm modos de circulação próprios que, para aqueles que iniciam o contato com o mundo das letras, não se assimilam tão facilmente, sobretudo quando essa circulação depende de práticas institucionalizadas de leitura como as da escola, das bibliotecas e de outros espaços sociais de leitura, que se distanciam daquelas garantidas no ambiente familiar.

Isso tudo não significa que para se tornar um leitor o jovem tenha que necessariamente passar pela experiência anterior, daí a existência de *pontos de partida*, no plural. A experiência literária pode ser adiada e, em contextos de formação, é muito comum encontrar leitores que descobrem a literatura muito depois da

infância, quando já se tornaram jovens ou adultos. Saber das trajetórias diferenciadas ajuda os formadores de leitores a encontrar estratégias adequadas para favorecer interações mais significativas e prazerosas de leitura literária, a começar pela melhor escolha de sugestões que fazem a seus alunos.

Silviano Santiago, em texto sobre a riqueza da viagem simbólica e a frustração da viagem real, afirma que:

para o adolescente, a leitura acaba sendo um prenúncio da viagem que fará, ou nunca fará. Depende. Caso seja um ávido leitor de romances, terá conhecido na intimidade das aventuras rocambolescas não apenas outras cidades do seu próprio país, como outras cidades do mundo. Terá tido acesso a vários pontos de vista que descrevem a cidade que lhe apetece como uma obsessão. Terá lido variados autores que a descrevem e a fazem funcionar com as voltas e as velocidades programadas das hélices de um liquidificador. Terá, ao final de algum tempo, um panorama mais rico daquela cidade que do bairro onde nasceu e vive. (1998)



No entanto, é preciso completar: não se nasce “um ávido leitor de romances” e fazer ou não viagens simbólicas não é apenas uma decisão pessoal. Sabemos que para os jovens se apropriarem de determinados bens simbólicos, um passaporte ajudaria muito na realização dessas *viagens*.

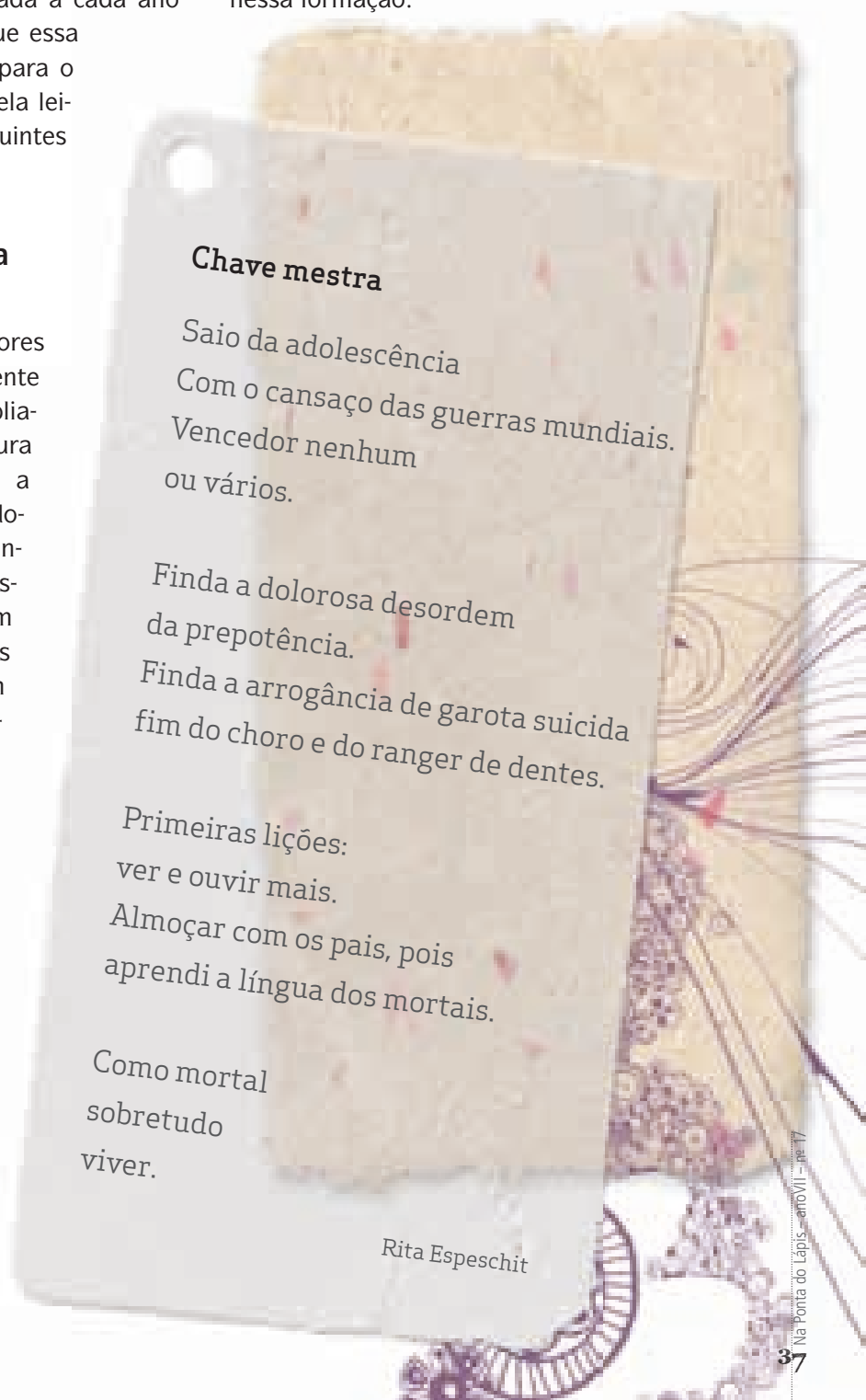
Grande parte das crianças e dos jovens só tem acesso a livros de literatura quando ingressa na escola. Cabe, então, a esses espaços de leitura a promoção de condições que possibilitem o contato pleno com os livros, preparando o caminho para a leitura literária que se quer ampliada a cada ano da escolaridade. Sabe-se que essa preparação é fundamental para o prosseguimento do gosto pela leitura literária nos anos seguintes ao da formação inicial.

### ■ O caráter contínuo da formação de leitores

O “crescimento” dos leitores não corresponde exatamente à faixa etária, mas à ampliação de repertórios de leitura literária construídos desde a infância, passando pela adolescência e chegando à juventude, de acordo com interesses múltiplos que abrangem os formais, os de gêneros, os de temáticas preferidas, sem rupturas nitidamente demarcadas que separariam essas fases da vida em etapas estanques.

Pensar assim permite flexibilizar lógicas de formação do gosto, que não necessariamente seguem esquemas cronológicos fixados pelas edições: *livro para criança*, *livro para jovem* ou, de forma genérica, *livro infantojuvenil*. Jovens podem, assim, manifestar interesse por um livro de maior

dimensão, no qual se equilibram o verbal e o visual, ou mesmo por livros que trazem apenas a linguagem visual, como os livros de imagens. Crianças podem se interessar por livros de aventuras, com narrativas que não contam com o apoio de ilustrações, o que se percebe, com alguma frequência, nas estratégias de emancipação dos leitores adolescentes. Devemos, portanto, contar com esses trânsitos próprios da formação de leitores, que muitas vezes diluem as fronteiras entre as categorias crianças, jovens ou adultos e nos alertam sobre o aspecto da continuidade nessa formação.



O poema de Rita Espeschit, escritora que tem livros para todas as idades, fala de mudanças entre fases da vida que não se reduzem ao desenvolvimento biológico. São passagens entre estados de instabilidade e de estabilidade; de insegurança e de segurança; de buscas e de descobertas; de desordem e de ordem. A “adolescência” pode ser entendida como um desses estados que exibem o quanto vivemos da alternância à permanência, ou vice-versa. Aprender a “língua dos mortais” é nos ver no outro pelo que nos une: somos todos mortais e queremos viver. A leitura do poema será uma para cada um dos leitores e a consciência da morte, que leva ao desejo de comunhão, pode não ser partilhada por todos os leitores.

É difícil fechar a recepção em endereçamentos fixos, mesmo quando a edição explicita elementos desse público-alvo na programação visual dos livros. A recepção dos textos literários, longe de ser passiva, depende das experiências vividas – na vida e na literatura. Como ensinou Malazarte, em verso de Murilo Mendes: “... Nada me fixa nos caminhos do mundo” (1979, p. 35). O que bem poderia ser uma metáfora para o leitor de literatura: *Nada me fixa nos caminhos da leitura*. Os caminhos da leitura não são os mesmos para todos os leitores.

Buscar livros que agradam aos jovens pode ser um processo de descobertas também para os professores e bibliotecários, já que estamos todos nos formando continuamente como leitores. Pode-se, por exemplo, explorar uma temática e, de acordo com ela, oferecer aos leitores inúmeros textos, de gêneros variados. Em resumo, as obras literárias não se fecham a um único público, embora se reconheçam características que possibilitam um direcionamento etário ou escolar.

## ■ Partituras

A ficção e a poesia estão continuamente nos oferecendo elementos para uma crítica sobre o que somos e, mesmo se não muito otimista, nos projeta para *um outro*, que é sempre renovador. Umberto Eco descreve as narrativas literárias como partituras que nos permitem afirmar verdades sobre os personagens das obras porque eles e seu destino estão ali registrados para sempre. Segundo o autor,

... a certos personagens literários – não a todos – acontece-lhes de saírem do texto em que nasceram para migrar para uma zona do universo que nos é muito difícil delimitar. Os personagens narrativos migram, quando têm boa fortuna, de texto em texto, e aqueles que não migram não é porque sejam ontologicamente diversos de seus irmãos mais afortunados: simplesmente não tiveram a sorte e não nos preocupamos mais com eles. (2003, p. 15)



Assim, afortunados como Ulisses, Jasão, Artur ou Parsifal, Alice, Pinóquio, d'Artagnan, segundo o autor, migram do livro para outro, adaptado, do livro para o filme ou para o balé, das histórias contadas para os livros etc. Poderíamos estender essa lista para outros personagens que de tempos em tempos aparecem e não necessariamente permanecem e evidenciam processos de migração que formam novas gerações de leitores, como Harry Potter, Bella e Jacob, que na última década atraíram os jovens, e cuja longevidade ainda não se pode avaliar. Mesmo que não se reconheçam de imediato os dois últimos nomes sem a referência aos livros da série *Crepúsculo*, são exemplos, no tempo presente, de personagens que migram do livro para a tela, para os *blogs*, para os *fanfics*, em velozes processos de produção a partir de *partituras* nem sempre reconhecidas como tal. O interesse dos jovens por esses personagens não deve ser, portanto, menosprezado ou negligenciado quando se quer cativá-los para o mundo da literatura. Desqualificar essas produções pode pôr a perder o que elas favorecem como porta de entrada para a ampliação de repertórios, e, quando se fala em ampliar, estamos considerando um universo de obras da literatura que se deve partilhar.

Ao tratar da temática das escolhas, Magda Soares levanta uma série de questões aos formadores de leitores, entre as quais destacamos as seguintes:

Teríamos sido capazes de prever a relação positiva de nossas crianças e jovens com Harry Potter e a descoberta do prazer de ler por meio de tantos livros de tantas páginas, que Bloom (2009) acusa de mal-escritas e cheias de clichês?

Teremos nós, os formadores de leitores, a humildade de escolhas que adotem como fundamental o critério do poder de entreter, mantendo a esperança de que venha a acontecer com alguns, pelo menos com alguns de nossos leitores em formação, a construção progressiva de familiaridade com o texto literário, um caminhar em direção à percepção e sensibilidade literárias? (2009, pp. 25-26)

A autora ainda pondera que tomar como critério fundamental para as escolhas o poder de entretenimento do livro não significa deixar de contemplar leituras com reconhecida qualidade literária, atestada pelo tempo. Nessa mesma direção, pode-se completar escolhas que possam trazer para a vida desses jovens Ulisses, Alice, Romeu, Julieta, Dom Quixote, Miguilim, Sinhá Vitória, Fabiano, Emma Bovary, Gregor Samsa, entre tantos outros personagens.

### ■ Lendo literatura nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio

Existe hoje um leque bastante variado de obras endereçadas aos jovens que fazem parte de acervos de bibliotecas públicas e escolares, daí a necessidade de se pensarem as escolhas para o trabalho com a literatura na escola, sem que se desconsiderem repertórios culturais dos alunos, que muitas vezes a escola desconhece. Escolher o que se deve partilhar com os alunos – o que eles ainda não conhecem – e, ao mesmo tempo, cuidar do reconhecimento de outras produções culturais pode ser um bom começo para o trabalho com a literatura na escola.

Na passagem do Ensino Fundamental para o Médio continua a prevalecer uma separação, decorrente dos objetivos curriculares que orientam esses segmentos da escolaridade. Como era planejado o ensino

da literatura até então? Como ele passa a ser organizado? Essas são questões que frequentemente se levantam quando se conclui o Ensino Fundamental; no entanto, permanecem mal resolvidas. Se o ensino da literatura, em todos os níveis, fosse pautado pela experiência da leitura, essa ruptura, com certeza, não existiria.

No Ensino Fundamental, a relação com a literatura ocorre de uma forma menos sistemática, e os alunos têm mais autonomia para escolher livros cujas edições supõem um endereçamento editorial particular. Temos como exemplo clássico desse tipo de produção os livros da coleção “Vaga-Lume” que marcaram gerações de leitores e, mais recentemente, antologias de poemas, de crônicas, de contos selecionados para esse público específico, que trazem marcas visíveis do leitor que se pretende atingir, por usarem uma linguagem mais despojada, por tratarem de temáticas atuais e por apresentarem uma programação visual que incorpora elementos da linguagem das culturas juvenis etc.

No Ensino Médio surge a necessidade de que se apresentem, em apenas três anos, numa carga horária muito reduzida, toda a literatura brasileira e textos selecionados da literatura portuguesa, e, muito recentemente, alguns materiais didáticos passam a incorporar literaturas de países africanos de língua portuguesa. As condições, quando muito, permitem que se conheça um pouco de tudo, o que descarta a possibilidade de se garantir a experiência de leitura de pelo menos algumas obras escolhidas. Misturar, com habilidade, repertórios canônicos e repertórios das culturas juvenis pode ser uma boa saída para se criar uma ponte entre os segmentos de ensino e garantir a experiência da leitura de obras escolhidas. Oferecer “obras clássicas” e propor um diálogo destas com “obras da literatura de massa”, a partir de eixos temáticos como o amor, a morte, as viagens, a infância, entre tantos outros, pode mobilizar os alunos, incentivando-os à leitura dos textos literários. Na mesma direção, pode-se também explorar a intertextualidade, por exemplo, em alusões

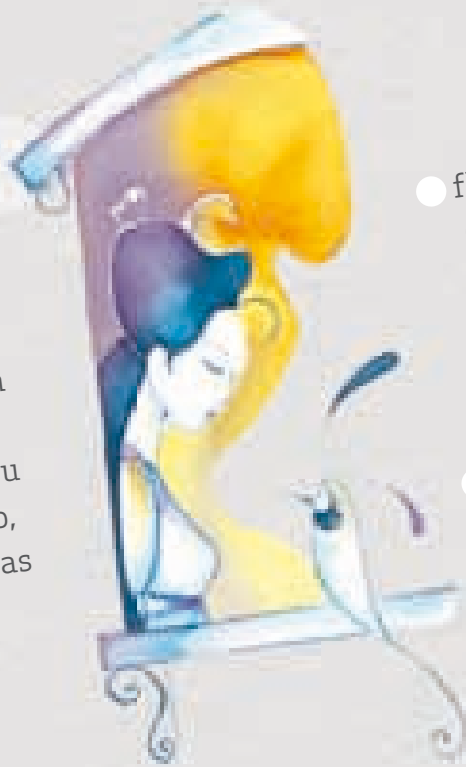
a cânones da literatura que aparecem em *best-sellers*, como no trecho de *Crepúsculo* que vem a seguir: “Sentada no meu quarto, tentando me concentrar no terceiro ato de *MacBeth*, eu na verdade tentava ouvir minha pica-pe”. Aproveitar essas relações, nas aulas de literatura do Ensino Fundamental e Médio, pode contribuir para a recuperação, pelos jovens, do próprio sentido da leitura literária.

A literatura, quaisquer que sejam os públicos leitores – crianças, jovens ou adultos –, deve ser estudada ao lado de outras produções culturais. Apresente aos alunos os estilos literários de poetas, romancistas, contistas, cronistas e mostre-lhes os circuitos de circulação de seus poemas, romances, contos, crônicas, quem sabe usando, além dos livros didáticos, jornais, revistas (impressos e digitais), filmes e outros meios audiovisuais que, em dobradinha com os livros, levem à apropriação dos textos literários.

Para Roger Chartier, “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (1996, p. 20). Muitas das discussões sobre a literatura na escola não consideram o sentido de “apropriação” tal como o propõe Chartier. Grande parte delas ainda focaliza a leitura com base em valores historicamente construídos, para os quais contam algumas leituras aceitas, porque a cultura escolar predispõe a um tipo de recepção do texto literário. Muito também já se falou sobre a dificuldade de a escola lidar com o vazio, com o inacabado, com a ambiguidade, nas mediações escolares e sua tradicional perspectiva centrada na resposta única e na inequívoca intenção autoral. Reverter esse quadro não é tarefa muito difícil, se estamos dispostos a:



- favorecer a leitura de textos integrais de obras selecionadas da literatura, para que os leitores jovens possam construir referências importantes para o seu processo de formação, no qual dialogam obras canônicas e obras contemporâneas;



- criar condições para que os alunos partilhem suas leituras com os colegas e, a partir dessas trocas e diálogos, se constituam em comunidades de leitores;

- revitalizar, entre os jovens, práticas escolares de leitura como ouvir e contar histórias, até então restritas a crianças;

- flexibilizar tanto o que se considera literatura quanto o que se qualifica como leitura literária na escola;

- reforçar os escassos tempos de leitura literária na escola, de modo que a experiência escolar se desdobre em práticas sociais de leitura na vida dos jovens.

A literatura é movida por saberes, contratos, pactos que se manifestam na vida social e é por meio deles que ela circula e se sustenta. Viver, por exemplo, em um bairro com biblioteca, livraria ou mesmo banca de jornais já faz diferença para os leitores e os caminhos que

podem percorrer. Compreender classificações de gênero, reconhecer hierarquias de valores das obras, participar de circuitos de circulação dos livros, entre tantos outros aspectos que se ligam à vida da literatura, são também habilidades que se aprendem na escola.

## Referências bibliográficas

CARRASCOZA, João Anzanello. *Espinhos e alfinetes*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

ECO, Umberto. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ESPESCHIT, Rita. *Lua gorda*. Sabará: Edições Du-bolso, 1985.

MENDES, Murilo. *Antologia – O menino experimental*. São Paulo: Summus, 1979.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

PAULINO, Graça. “Letramento literário por vielas e alamedas”, in: *Revista da Faced*. Salvador: Faced/UFBA, n. 0, out., 1994.

SANTIAGO, Silviano. “Prazer da leitura, desprazer da viagem”. *Jornal do Brasil*. 31/10/1998. Ideias/Livros.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOARES, Magda. “O jogo das escolhas”, in: MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça (orgs.). *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2009.

# AMBIENTE VIRTUAL: você faz parte dessa rede?

No mundo contemporâneo, *tuitar*, *nerd*, *portabilidade*, *flex*, *bullying*, *balada*, *ecobag*, *chocolatra*, *mix*, *mochileiro*, *blogar*... são palavras que circulam em muitos bate-papos. O uso efetivo dessas palavras na fala corriqueira, na mídia (jornais, revista, rádio, televisão, vídeo, Twitter...), em livros fez com que elas migrassem para o dicionário. Mas, antes de a palavra entrar no dicionário, ela fica de quarentena – período de observação –, em que se verifica

se foi incorporada pela sociedade ou se trata de um modismo. Agora, palavras do ambiente virtual fazem parte do acervo dos dicionários. Estudiosos da língua consultaram pesquisadores da área de informática, que explicaram tecnicamente cada uma das palavras, filtraram a informação e criaram o verbete.

Você, leitor, navega muito na internet? Domina as expressões da rede? Quer identificar os verbetes do mundo digital?



**a** ..... [Ingl.] *Substantivo masculino*.  
Inform. 1. Computador de uso pessoal que possui tela sensível ao toque. 2. Tipo especial de caneta, us. para registrar notas diretamente na tela do computador.

**b** ..... *Verbo intransitivo*. Manter (o internauta) um *blog*. [Conjug.: rogar.] [Ingl.] *Substantivo masculino*. V. livro eletrônico.

**c** ..... [Adapt. do ingl. *photolog*.] *Substantivo masculino*. Álbum de fotografias virtual, posto na internet.

**d** ..... [Ingl.] *Substantivo masculino*.  
1. Cul. Biscoito crocante e macio, de forma arredondada, ger. recheado com nozes, passas etc. 2. Inform. Informação coletada por um navegador *web* que fica armazenada no computador, e que pode ser us. por *sites* da intranet.

**e** ..... [Ingl.] *Substantivo masculino*.  
Inform. Mensagem publicitária ou não, recebida via correio eletrônico, sem o consentimento ou solicitação do usuário.

**f** ..... [Do ingl. *twitt(er)* + -ar2.] *Verbo intransitivo*. 1. Postar no Twitter comentários, informações, fotos etc. ger. de caráter pessoal ou institucional. 2. Acompanhar os fatos, ideias, informações etc. registrados por alguém em seu Twitter. [Conjug.: v. ajuizar.]

**g** ..... [Do sânscr. *avatara*; “descida” (do Céu à Terra), pelo fr. *avatar*.] *Substantivo masculino*. 1. Rel. Reencarnação de um deus, e, especialmente, no hinduísmo, reencarnação do deus Vixnu. 2. Transformação, transfiguração: “Aqui era a laranjeira-cravo junto da qual o vira, como em um avatar, como em uma transfiguração, risonho, franco, comunicativo, sob o aspecto que em um momento a cativara”. (Júlio Ribeiro, *A Carne*, p. 91.) 3. Inform. Cada um dos personagens de um jogo informático em que, ger., se empregam imagens gráficas animadas e outras técnicas de realidade virtual, que corresponde e é controlado por cada um dos participantes: O avatar de Pedro no jogo é um jovem detetive. 4. Inform. Imagem, realística ou não, associada a participante de uma rede social (q. v.).

**h** ..... [Ingl.] *Substantivo masculino*.  
V. livro eletrônico.

Fonte: Revista Língua Portuguesa, ed. 62, nº 12, 2010.

Disponível em <<http://www.revistalingua.com.br/textos.asp?codigo=12205>>.

Respostas: 1 G, 2 B, 3 D, 4 C, 5 H, 6 E, 7 A, 8 F.

# Pronto para navegar?

Vem aí o novo curso virtual para professores!  
Saiba mais sobre as inscrições acessando o site da  
Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*

<http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf>





Parceria



Coordenação  
Técnica



Iniciativa



Ministério da  
Educação



**Fontes Mistas**

Grupo de produtos provenientes de florestas  
bem manejadas e fontes controladas  
www.fsc.org.br - FSC no 004-000-00000  
© 1996 Forest Stewardship Council